

COMO SE FAZ UM CACHORRO CAÇADOR ENTRE OS KARITIANA (RONDÔNIA)¹

Felipe Vander Velden*

RESUMO

Os Karitiana (Rondônia) apreciam muito caçar e têm a carne de caça como seu alimento predileto. Várias técnicas de caça são conhecidas, entre elas o uso de cães especialmente treinados para perseguir e matar presas. Há um conjunto de técnicas empregadas para se “fazer” um bom cachorro caçador – e o verbo “fazer”, aqui, evidencia a qualidade artefactual dos animais para os Karitiana, tanto daqueles animais “do mato”, feitos em tempos míticos, como dos animais “de criação” domésticos, feitos na ação humana. Todos os seres parecem ser “feitos” no sentido de serem montados ou construídos, e “feitos” no sentido de fazer desenvolver ou crescer. Tal duplo movimento – bem expresso no duplo sentido do verbo “criar” em português – pode ser encontrado na feitura de bons cachorros caçadores, nos quais estes processos encontram, ainda, um terceiro fator, que é sumarizado pela noção Karitiana de “jeito” (que traduzimos como “modo de ser/estar no mundo”), e que fala das aptidões demonstradas por cada animal na atividade venatória e na maestria das técnicas e práticas de caçar. Com efeito, há cães melhores e cães que “não prestam” para a caça, e tal consideração parece estar diretamente vinculada a avaliações individuais de cada animal, e às escolhas realizadas pelos próprios cachorros quanto a se engajarem na faina de procurar e “matar caça” na companhia dos homens Karitiana. Este trabalho busca, assim, descrever etnograficamente este conjunto de relações entre caçadores humanos e caninos, no seu processo contínuo e delicado de se fazerem predadores de sucesso.

Palavras-chave: Cachorro. Caça. Técnica. Artefato.

How to make a hunting dog among the Karitiana (Rondonia)

ABSTRACT

The Karitiana (state of Rondonia, Brazil) like to hunt very much and meat is their most appreciated food. Several hunting techniques are known, among them the use of hunting dogs specially trained to track and kill a host of preys. There are many techniques employed to “make” a good hunting dog – and the verb “to make” captures the artefactual quality of animals, wild animals (made in mythical times) and domesticated animals (made through tenacious human action). All living beings seem to be made in a double sense: they are assembled or constructed and they are made to grow up or develop. This double drive can be seen in the process to make fine hunting dogs, in which we find a third element, summarized by the Karitiana notion of “manner” (“jeito”), that we can translate as “a way of being in the world”, and that speech about the hunting skills of each animal. Indeed, there are better hunting dogs, and dogs that do not pay for it. These evaluations are linked to dog’s individual abilities and to their will to engage in hunting parties to search and kill other animals in the company of men. This article is an ethnographic account of these relations between human and canine hunters, in their delicate and continuous process to make themselves successful predators.

Key-words: Dogs. Hunting. Technique. Artifact.

Como se hace un perro cazador entre los Karitiana (Rondonia)

RESUMEN

Los Karitiana (estado de Rondônia, en Brasil) son cazadores y la carne es su comida favorita. Varias técnicas de caza son conocidas, incluyendo el uso de perros especialmente entrenados para perseguir y matar sus presas. Hay un conjunto de técnicas que se utilizan para “hacer” un buen perro cazador – y el verbo “hacer” muestra la calidad de artefactos de los animales para los Karitiana, tanto los animales salvajes (hechos en los

* Doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Contato: felipevelden@yahoo.com.br.

¹ Este artigo é uma versão expandida da comunicação apresentada na XI Reunião de Antropologia do Mercosul, realizada entre 30 de novembro e 04 de dezembro de 2015 em Montevideo, Uruguai. Agradeço às intervenções críticas e comentários de Celeste Medrano, Martha Ramírez-Gálvez, Andréa Osório, Thiago Oliveira, Luzimar Pereira, Marcos Castro Carvalho e Miriam Adelman.

tempos míticos) como os animais domésticos (fechos em las acciones humanas). Todos los seres parecen ser “fechos” en el sentido de que son montados o construídos y asimismo “fechos” puesto que ayudados a crecer y desenvolver. Este dobre movimento se puede encontrar en la fabricação de buenos perros de caça, en que estos procesos se entretêjen con un tercer factor, que se puede resumir por una noção Karitiana que se traduce por “forma de ser o estar en el mundo” y que habla de las habilidades demostradas por cada animal en la actividad de la caça y en el dominio de las técnicas y prácticas de caça. De hecho, hay perros que son mejores cazadores, y otros que no pagan por la tarefa. Esta consideración parece estar directamente vinculada a avaliações individuais de los animales y a las decisiones tomadas por los propios perros para participar de la búsqueda y matanza de presas em companhia de los hombres. Este texto describe etnográficamente el conjunto de relaciones entre humanos y perros cazadores em su proceso común y continuo que hace depredadores exitosos.

Key-words: Perros. Caça. Técnica. Artefacto.

INTRODUÇÃO

O primeiro cachorro (*Canis familiaris*) que os Karitiana² conheceram, provavelmente ali pelos anos de 1940, no vale do rio Candeias (em Rondônia) foi, segundo consta, apresentado a eles por um seringueiro marreteiro, nome que se dá aos comerciantes que perambulam pelos rios e igarapés desta região do sudoeste da Amazônia brasileira. Por esta razão, o animal – que foi deixado entre os Karitiana pelo negociante – recebeu o nome de *Marreteiro*, e muitos dos que o conheceram – quando eram crianças – ainda se recordam de algumas de suas características: ele tinha porte pequeno, era branco e – dado que nos interessa – “era cachorro muito caçador”³.

Uma outra narrativa, recolhida entre estudantes (Cláudio, Reinaldo, Luciane, Paulo e Kátia) da escola indígena da aldeia Central em 2006, sugere o protagonismo dos Karitiana na transformação dos cachorros em caçadores (por meio dos “remédios” e do ensino, tópicos aos quais voltaremos), mas conserva a importância da habilidade cinegética do animal, e sua preciosa posição como um “ajudante” dos caçadores humanos. Aqui, reproduzo parte da narrativa:

“O nome do chefe era Moraes Karitiana. Assim que o chefe trouxe o cachorro na aldeia, a população gostou do cachorro. Após isso, o indígena deu o remédio de caçador para o cachorro. Depois que o cachorro tomou o remédio, a população indígena ensinou o cachorro a caçar.

“Além disso o cachorro virou um caçador, por isso a população indígena pediu mais cachorro para o seringueiro.

“O indígena Karitiana chama o cachorro de obaky by'edna. A população indígena gosta do cachorro, porque o cachorro ajuda eles a caçarem no mato. Por causa disso, o indígena percebeu que o cachorro é bom de criar (...).

“Quando a população indígena Karitiana viu pela primeira vez, ela não teve medo do cachorro”⁴.

Estes primeiros contatos com o cachorro delinearam, permanentemente, a relação dos Karitiana com o animal, que passaram a roubar

² Os Karitiana são hoje cerca de 350 pessoas, divididas em cinco aldeias, três no interior da Terra Indígena Karitiana (c. 89 mil hectares) e duas fora dela. Falam uma língua filiada ao tronco Tupi, família Arikém.

³ Tratando das terras altas da Nova Guiné, GOLUB(2005: 9) relata que a capacidade dos cachorros para a violência acima de tudo é frequentemente lembrada nos relatos nativos dos primeiros contatos com os brancos.

⁴ Ao contrário, Golub (2005: 9) registra o intenso medo que vários povos nas terras altas da Nova Guiné demonstravam dos cachorros dos exploradores estrangeiros que percorreram a região ao longo do final do século XIX e da primeira metade do século XX. Não obstante, penso que as muitas narrativas a respeito do terror causado, em diferentes povos indígenas, pelos cães europeus (especialmente os mastins espanhóis – cf. RESTALL, 2006; PIQUERAS, 2006; JÍMENEZ, 2011) talvez tenham muito de uma apreciação positiva, pelos próprios europeus, de seus cachorros como ferozes máquinas de disciplinar e/ou de matar: uma projeção de sua (espanhola) eficiência mortífera nos animais. A velocidade com que muitos povos ameríndios adotaram o cachorro apoia, penso, esta hipótese: de que não se tratava de pavor, mas, antes de admiração e espanto, maravilhamento. Por isso, sou algo cético quanto às interpretações que sugerem que os povos indígenas americanos submetem os cães de origem ou raças exógenas às violências atrozés porque, desta forma, castigam metonimicamente seus algozes humanos, os europeus ou descendentes (cf. ARIEL DE VIDAS, 2002, sobre os Teenek no México). Espero em breve escrever sobre o assunto.

sistematicamente de colocações de seringueiros na região em busca desses “auxiliares na caça”⁵. Como na maioria das sociedades humanas, cachorros são animais ambíguos ali: a meio caminho entre a cultura e a natureza (LÉVI-STRAUSS, 1997[1962]), eles vivem desde sempre na companhia dos homens e mulheres – em uma relação *coevolutiva* ou *simbiótica* que coproduziu humanos e caninos (HARAWAY, 2008) – e sabem apreciá-la, ao mesmo tempo em que, da perspectiva humana, manifestam um conjunto de hábitos antissociais tidos como degradantes, como o costume de comer fezes, de roubar alimentos, de morder e até mesmo matar pessoas e outros animais domésticos e – suprema violação das normas sociais – manter relações sexuais incestuosas (SERPELL, 1995b). Tal é a opinião dos Karitiana a respeito dos cachorros, simultaneamente entre a intimidade doméstica do cuidado e a indiferença por vezes violenta das periferias das aldeias, ainda que as coisas se passem de modo um pouco diferente segundo as habilidades particulares demonstradas pelos animais. Há, contudo, uma ambivalência fundamental, que nos interessa aqui de perto, e que está diretamente relacionada às habilidades cinegéticas dos cachorros: eles são onças.

Como em numerosas sociedades nas terras baixas sul-americanas (LÉVI-STRAUSS, 2004[1966], p. 83; DESCOLA, 1994, p. 84-86), os cães são onças. Entre os Karitiana, eles também o são, porque, dizem, o cachorro “mata as caças, como a onça”; mas são onças de um tipo muito especial: se as onças são *obaky*, os cães são *obaky by'edna*, literalmente “onças de criação”, “onças criadas” ou “onças domésticas”. O cachorro é uma onça que se cria em casa: dotados de uma potência agressiva e predatória – conhecida desde os primeiros momentos da relação entre os Karitiana e a espécie – que os torna companheiros formidáveis e quase indispensáveis nas

caçadas, o cão, por esta mesma razão, não é lá uma criatura em que se deve confiar cegamente. Sendo uma onça, e tendo a capacidade de atacar, de morder, de ferir e de matar, é preciso cuidar para que esta potência agressiva seja controlada e, por assim dizer, canalizada, para que permaneça dirigida contra os animais de presa (*himo*, literalmente “carne”) e nunca se volte contra seus comensais humanos. É por isso que um cachorro caçador ali, entre os Karitiana, deve ser não tanto um cachorro “bravo” (*pa'ira*), mas, sobretudo, um cachorro “sabido”.

“Cachorro é onça porque é bravo, ataca”, diz Antonio Paulo, empregando, para isso, o adjetivo *pa'ira*, que os Karitiana traduzem como “bravo”. *Pa'ira*, para ser mais preciso, designa não exatamente uma qualidade inerente aos seres – a braveza, traduzida pelo termo *sohop*, que se associa à nossa noção de “selvagem”⁶ –, mas uma disposição manifesta: a agressividade expressa na disposição para o ataque. Um animal *pa'ira* é um animal que efetivamente ataca, “morde, luta, vem para cima da gente”, como costumam dizer. Todas as criaturas que podem ser agressivas são/estão *pa'ira*, e podem eventualmente ser qualificadas como *kida*, termo genérico (traduzido usualmente como “coisa”) que, neste uso, assume o sentido glosado pelos Karitiana como “bicho”, categoria que inclui os seres que causam ferimentos e mortes, desde mosquitos hematófagos, aranhas e lacraias até certos espíritos e criaturas monstruosas, passando por onças, piranhas, araias e cachorros.

Um cão caçador, portanto, não pode ser “bravo”, *pa'ira*, e os Karitiana recusam terminantemente esta associação: “cachorro bom caçador tem que ser sabido, não bravo”. A qualidade-onça, digamos, dos cães precisa ser controlada, já que as onças são, por definição e princípio, “bichos”, *kida*: “pela onça começam os bichos, início dos

⁵ Assim, ao contrário do que sugere Koster (2009, p. 592) para outros casos etnográficos, não parece ter havido, nos Karitiana, um intervalo de tempo entre conhecer o cachorro e adotar seu “uso” (eu prefiro falar em “companhia”) nas atividades de caça: os Karitiana adotaram rapidamente os cães justamente porque eles eram caçadores, e isso foi o que logo chamou a atenção do grupo.

⁶ *Sohop* “é bravo porque é do mato (gopipto), não quer ver pessoas, corre da gente”. Um animal *sohop* não ataca, mas prefere fugir. Ambas as noções – *pa'ira* e *sohop* – contrastam com a mansidão: um animal “manso”, *syjsip*, é aquele que não teme as pessoas, e se aproxima sem medo. Note que os animais “do mato” (gopipto, de *gopit*, “mato, floresta”) não são, necessariamente, “bravos” (*sohop*): os Karitiana afirmam que, nas zonas distantes de suas aldeias, pouco percorridas pelos caçadores, os animais não demonstram temor de seus predadores humanos (que pouco conhecem), e por isso são ditos “mansos”.

bichos é com a onça” – disse-me Inácio Karitiana. “A onça come outros animais, por isso ela não é animal assim, ela é bicho, é má, come gente, tudo. É bicho, *kida*”. Assim, onças são incontrolláveis. Cachorros caçadores, por outro lado, não devem sê-lo, e a difícil tarefa dos caçadores humanos está, justamente, em manter o balanço adequado das qualidades que fazem um cachorro “sabido”, controlando os animais de modo a aproveitar suas qualidades-onça – a capacidade predatória, a disposição para o ataque, a força, a agilidade e a eficiência venatória – sem permitir que estas deslizem na direção do incontrollável que faria onças puras destas onças domésticas. Jamais se devem arrepiar os pelos do dorso de um cão, penteando-os (“ciscar”, como se diz) para frente, pois isso deixa o cachorro “bravo como onça”; em animais de grande porte, afirmam, o gesto pode ser, de fato, muito perigoso.

DAS TÉCNICAS PARA FAZER CACHORROS CAÇADORES

Cachorros são empregados por toda a América do Sul como caçadores, mesmo que tenham chegado apenas tardiamente (século XX), em vários lugares da Amazônia (SCHWARTZ, 1997; KOSTER, 2009), como entre os Karitiana em Rondônia. As técnicas de caça com cachorros nas terras baixas sul-americanas são notavelmente semelhantes, mas é curioso constatar como uma técnica tão eficiente, tão importante e tão difundida em todo mundo tenha recebido tão escassa atenção das análises antropológicas (Fiedel 2005). No que segue, estarei concentrado nas ideias Karitiana sobre como se faz (ou se cria) um cachorro caçador, mas é fato, também, que as noções e técnicas empregadas na “produção” ou no “treinamento” de cães de caça na zona Neotropical são muito similares (KOSTER, 2009, p. 588-590).

O cuidado com a disposição da pelagem dos animais aponta para as técnicas para “fazer cachorro caçador”, um conjunto de procedimentos destinados a aguçar as capacidades e qualidades cinegéticas dos cães e, em alguma medida, sua “braveza”. Conforme aponta Celeste Medrano

(2016) para os Qom no chaco argentino, um cachorro não nasce caçador, mas deve ser feito, deve ter seu corpo construído por seus companheiros humanos na mesma medida em que os corpos dos caçadores humanos também são feitos continuamente, na prática permanente das caçadas no monte e por meio de um conjunto de técnicas corporais. Conforme discuti alhures, os animais, para os Karitiana, possuem o que chamei de “caráter artefactual” (VANDER VELDEN, 2012), tendo sido moldados, alguns deles (os seres da floresta), pela ação criadora dos demiurgos do “tempo antigamente” (o tempo dos mitos), e outros (os animais de criação), pela intervenção permanente de seus donos (*jongy*). Os animais, deste modo, são artefatos técnicos, evidências da maestria técnica e das capacidades criativas daqueles seres que deram forma ao mundo. Da mesma forma, hoje em dia, caçadores humanos devem fazer seus cachorros bons caçadores, por meio de um conjunto de procedimentos detalhados a seguir: “fazer”, mais do que “ensinar” – como pensamos o treinamento de cães entre nós – porque os cachorros aprendem de fato a caçar na prática, numa espécie de “educação para a atenção” (INGOLD, 2000). Cachorros, assim, são “criados” nos dois sentidos do verbo em português: feitos, elaborados ou fabricados e cuidados ou sustentados.

Entre as técnicas para incrementar a potência e a eficiência cinegética dos cães de caça está o uso de um “remédio” (“do mato”), constituído das raízes amassadas de uma planta chamada *sokoty* que se esfrega no dorso do animal, do rabo à cabeça, em sentido contrário ao do crescimento dos pelos, assim arrepiando-os, e fazendo o cão ficar “bravo até com o dono”⁷. Este procedimento, segundo alguns, só é realizado na floresta, fora das aldeias, como medida de proteção; além disso, deve-se usá-lo apenas em animais de pequeno porte: cães muito grandes poderiam matar seus donos. As folhas da mesma planta podem ser empregadas em banhos frequentes no animal, e mesmo ser misturadas com pimenta malagueta, composto que é aplicado no nariz (“venta”) do cão. Outra técnica en-

⁷ O *sokoty* é aplicado para fazer os cachorros caçarem todo tipo de presa. O procedimento, contudo, não parece funcionar para a caça de cutias: se o caçador passar o caldo da raiz de *sokoty* no sentido contrário ao dos pelos de seu cachorro, as cutias ficarão sempre atrás do animal, que não conseguirá vê-las ou perseguir-las.

volve misturar as mesmas folhas com uma massa feita de um tipo de marimbondo grande do mato (*dopi kedo*), “caba grande de asa vermelha” e particularmente agressiva; a mistura é esfregada no cachorro: dizem que, isso feito, o cão perde todo o medo, e “cachorro não fica muito tempo, não [no mato], caça mata ele logo”, arrazoando que o cachorro fica tão agressivo, e tão mais sensível à presença das presas, que as ataca de um modo assaz intempestivo que fatalmente acabará logo abatido por presas mais fortes. Estes tratamentos corporais dos cães – com folhas, pimenta e mesmo insetos – espelham procedimentos utilizados para fazer também dos homens bons caçadores, especialmente no contexto do ritual chamado *osiipo* – hoje não mais realizado (cf. STORTO, 1996; VANDER VELDEN, 2004) – no qual os jovens rapazes eram submetidos às múltiplas ferroadas de diferentes variedades de vespas por todo o corpo, seguidas pela aplicação do sumo de outra planta (o *sojoty*, aparentemente uma variedade de *Caladium spp.*), o que fazia, contam, cair a pele antiga do caçador – suja, feia e malcheirosa – para revelar uma pele nova, cheirosa e, por isso, atrativa para os animais de presa⁸. As raspas do caule do *sojoty* misturadas com pimenta malagueta podem igualmente ser aplicadas diretamente no ânus e nas narinas dos cães, também de modo a fazê-los bons caçadores – note-se que a pimenta (*soj*) é associada ao veneno e ao sabor amargo (*tapo*), que devem idealmente caracterizar os corpos de todos os caçadores, humanos, caninos e artefactuais (uma vez que as flechas, assim como corpos humanos, devem ser amargas para que, venenosas, mas também “bravas”, atinjam suas presas com eficácia mortal⁹).

Note-se que a associação entre picadas de insetos peçonhentos – notadamente de himenópteros (vespas e formigas) – e potência cinegética ou guerreira (talvez em referência às flechas, ou ao veneno que se espalha simultaneamente pelos corpos e pelas armas do caçador), e sua extensão ao treinamento de cães de caça, não se restringe, na Amazônia, aos Karitiana. Os Kayapó

misturam formigas amassadas com sumo de urucum para serem esfregadas nos corpos dos cães de caça, para que estes cacem com a mesma determinação das formigas (POSEY, 1979, p. 143). Os Akawaio (Karib na Guiana) também aplicam amuletos de formigas em seus cachorros caçadores (COLSON, 1976, p. 454). Discutindo vários grupos de língua Tupi-Guarani, por fim, William Balée (2000, p. 410-414) aponta para os mesmos efeitos das picadas de formigas e vespas nos corpos humanos e naqueles dos cachorros caçadores (cf. KOSTER, 2009, p. 589, para mais referências).

Existem, ainda, outras técnicas para fazer cães bons caçadores, mas que demandam mais pesquisas para elucidar seus mecanismos de funcionamento, como colocar a ponta do rabo do cachorro ou os dentes que perdem junto aos pés dos animais abatidos, possivelmente para operar algum efeito que impeça a fuga da presa, algo certamente análogo à prática de amarrar com embira (um cipó) os crânios dos animais abatidos para que seus congêneres não possam escapar velozmente de um caçador que se aproxima; ou como esfregar nos corpos dos cachorros o crânio (“orelha”, como dizem) dos peixes-elétricos e a parte interna do nariz (“venta”) dos crânios de onças, talvez para transferir aos cães a potência desses dois formidáveis predadores. Procedimentos como estes, dizem os Karitiana, constituem “remédio para fazer cachorro caçador”; eles fazem com que os cães não precisem “andar muito” ou “ir longe” (das aldeias) para localizar, acuar ou matar presas, numa formulação que conecta espaço e tempo: caçar perto de casa é demorar pouco tempo na mata porque se é habilidoso nas artes venatórias. De todo modo, diz-se que um bom cachorro caçador nunca se cansa e “só quer saber de matar, é como onça”.

Com relação a estas técnicas, contudo, não me parece que os Karitiana estejam, de fato, com elas, se referindo ao treinamento dos cachorros, ou fazendo-os aprender a caçar. O cão parece

⁸ O sumo do *sojoty* ainda é aplicado em caçadores que se tornam panema (sem sorte na caça).

⁹ De fato, o amargor obtido nos corpos é comunicado às flechas, assim como ocorre com outras disposições corporais (corpos excessivamente doces – dado o consumo de açúcar e frutas adocicadas – produzem flechas “doces”, sem efeito mortífero; corpos por demais oleosos – em função do consumo exagerado de gordura animal – acabam por deixar as flechas escorregadias, que se desviam na pele do animal sem feri-lo).

ter uma disposição inerente para a caça, e para a matança, tal como as onças. Nesse sentido, o que fazem seus companheiros humanos é desenvolver esta disposição, fazê-la, incrementando-a e dirigindo-a a certos objetivos específicos. O treinamento, de fato, parece se dar apenas na floresta, durante as caçadas, e não apenas com os caçadores humanos mas, sobretudo, com outros cachorros já experimentados nas técnicas de procurar, perseguir e matar. Conforme me disse John Paulo certa vez, um cachorro recentemente trazido da cidade precisa ver outros cães caçando para aprender a caçar. O finado Garcia, por seu turno, dizia-me que os cachorros “aprendem a caçar sozinhos”. É interessante que uma das narrativas dos primeiros contatos dos Karitiana com cães destacam não só que aquele animal era um caçador excelente, como parece demonstrar suas proezas por sua própria conta e risco, sem a intervenção humana – já que os Karitiana não conheciam cães antes da chegada dos não índios ao seu território, provavelmente a partir da segunda metade do século XIX. Diz Antonio Paulo:

“Meu avô foi lá nos brancos e viu cachorro, e pegou cachorro grande, branco. Depois que cachorro chegou na aldeia, ele matou porco, cutia, matou tudo. Aí pessoal todo quer cachorro, porque é caçador. Falam: ele é bom, mata caça; não tem chumbo [munição] nesse tempo”.

Gumercindo Karitiana fala na mesma direção, destacando a rápida adoção e a veloz multiplicação do animal nas aldeias Karitiana na primeira metade do século XX:

“Cachorro não é *kida* gopipto, animal do mato. Cachorro não é daqui, vem de longe, vem do campo, da América, África, lobo primeiro, depois amansou ele. Quando ele era criança meu avô, Moraes, já vivia no meio do branco, e branco deu filhote de cachorro para eles, aí cachorro viveu junto com a gente. Aí Karitiana não larga mais cachorro, e logo tem muito cachorro”.

Como se, de fato, a disposição dos cães para a caça fosse mesmo uma “tendência intrínseca”

do animal, e não o resultado do seu treinamento por caçadores humanos (KOSTER, 2009, p. 589).

A noção de que os cães aprendem a caçar por sua própria conta ou na companhia de outros animais mais experimentados da mesma espécie parece ter larga difusão (KOSTER, 2009; KAGAN, 2015; MEDRANO, 2016). Nas palavras de Koster (2009, p. 589):

“The training of dogs in the Neotropics seldom conforms to Western norms, as dogs rarely receive positive or negative reinforcement to specific behaviors or responses to commands. More commonly, adolescent dogs are brought on hunting outings with experienced dogs in the hope [sic] that they will learn by imitation” (referências suprimidas).

Aprende-se a caçar, ainda, pelo “cheiro”, como afirmam os Karitiana. Gumercindo, por exemplo, contou-me que os cães aprendem rápido quando são postos para cheirar as presas abatidas trazidas para as aldeias; da mesma forma, deve-se levar os cães para sentirem o odor de buracos escavados na terra por tatus ou daqueles formados em troncos caídos de árvores que são, frequentemente, ocupados por pacas e cutias. Algumas técnicas são destinadas a aguçar a capacidade olfativa dos cães, como colocar os pelos do “bigode” de cutias no interior do nariz do cachorro até fazê-lo espirrar. Ademais, alimentar os cachorros com algumas porções dos animais abatidos – em geral ossos e tripas (alguns órgãos internos, especialmente de cutias) – também pode tornar os cachorros “mais caçadores”: diz-se que cachorros alimentados com carne de caça caçam melhor. Note-se, aqui, que apenas cães que caçam recebem algum alimento das mãos de seus donos, incluindo (mas raramente) carne ou macaxeira com caldo de carne; os animais que não caçam padecem de fome constante – daí, diz-se, seu odioso hábito de roubar comida humana. Ainda assim, mesmo sendo alimentados, costuma-se dizer que os cachorros caçadores não engordam.

Não é muito comum, todavia, que os cachorros de qualquer estirpe sejam diretamente

alimentados pelas pessoas, e pode-se dizer que a maioria dos cães entre os Karitiana sofre com uma fome constante. Ainda que jamais tenham afirmado a mim que manter os cães permanentemente famintos os torna mais ferozes na caça – como fazem outros povos ameríndios (ver KOSTER, 2009, p. 590, para referências) e como parecem ter feito os espanhóis na conquista da América, que, em numerosas ocasiões, deram de comer corpos indígenas aos seus prezados cachorros (PIQUERAS, 2006) – pode-se sugerir que algo assim aconteça, ainda que, afinal, o objetivo da participação dos cachorros nas caçadas – ao menos, do ponto de vista Karitiana – não é o de alimentar os animais, mas de matar presas. Cães que devoram os animais que abatem ou que são mortos por caçadores humanos certamente não levam “jeito” (ver abaixo) para a atividade, e serão, certamente, punidos e mesmo descartados.

Quase sempre, os cachorros de caça servem para localizar as presas, e os melhores animais parecem ser realmente rápidos nisso; em alguns casos, os cães terminam de matar um animal ferido (“baleado”). Mas a tarefa desses animais é bastante perigosa: muitos cães efetivamente são feridos ou mortos nos encontros com os animais do mato, principalmente com quatis e porcos (queixadas e caíditos). Quando são mortos, eles provocam a raiva do caçador e devem ser “pagos” – diz-se “pagamento de sangue” a necessidade de cobrar a morte da criatura que provocou morte ou derramamento de sangue. Caçadores chegam a matar animais que feriram mortalmente seus cães de caça com as próprias mãos, enforcando-os, ou usando como arma o que se tem à disposição, quando não há armas de fogo ou munição: machados, pedaços de pau, facões ou pedras. A mesma lógica do “pagamento de sangue” opera entre humanos, o que indica estarem os cães situados em um esquema global de regulação da violência e do desperdício de

sangue: toda agressão contra pessoas e cães demanda uma contra-agressão o mais rápido possível. Talvez os fundamentos desse mecanismo estejam na necessidade de cada criatura regular a quantidade de sangue que circula em seu corpo (VANDER VELDEN, 2007).

Tudo isso, então, faz cachorros caçadores, companheiros inseparáveis na floresta e ajudantes formidáveis na tarefa de obter carne de caça, o alimento Karitiana por excelência. Os Karitiana não me parecem subscrever a ideia de que os cães sejam extensões dos corpos de seus donos (MEDRANO, 2016), e tampouco que seus animais sejam armas, equiparados, assim, às flechas e bordunas (ver BENTO, 2011, sobre os Gavião-Ikoloehj)¹⁰. Cachorros são, antes de tudo, companheiros: yota, “meu companheiro, aquele que está andando junto comigo”. Diz-se que os cães “ajudam muito as pessoas”, como caçadores e como vigilantes quando, à noite, percebem e afugentam animais silvestres e pessoas estranhas que se aproximam das casas: “eles [os cães] ficam vigiando, se vem gente, eles avisam”, contou-me Meireles. E completando: “cachorro é companhia, acompanha sempre a gente”. O pajé Cizino vai mais longe:

“Cachorro se considera igual gente, pois ele ajuda as pessoas, mata caça pra gente, come carne, osso. Ele ajuda a procurar e matar porco, cutia. Por isso não se come cachorro, é amigo da gente, amigo [de] quatro pés. Quando morre, corpo do cachorro não pode jogar, não! Tem que enterrar”.

É desta forma, então, que se fazem cachorros “sabidos”. Cachorros sabidos (*sondywywak*, “aquele que quer saber”, derivado do verbo intransitivo *sondyw*, “saber, conhecer”)¹¹ são aqueles que obedecem aos comandos de seus donos (*jongy*) e respeitam os limites da sociabilidade humana – não adentram as residências, por

¹⁰ É certo que os conquistadores espanhóis da América consideravam os ferozes cães europeus como “armas de guerra” empregadas para aterrorizar, torturar, matar e comer indígenas (JÍMENEZ, 2011).

¹² Agradeço à Luciana Storto o esclarecimento terminológico.

¹⁴ Algo muito semelhante se passa na Mongólia rural, onde cães que realizam bem suas tarefas nas atividades pastoris são chamados “cachorros espertos” (*smart dogs*, ou *unkhantai nokhoi* na língua mongol) e são considerados como se fossem humanos (BAMANA, 2014: 8). Note-se que ali, também, o afeto dispensado aos cães está diretamente vinculado ao trabalho: eles são respeitados, admirados e amados na medida em que realizam suas tarefas com competência (BAMANA, 2014: 4).

exemplo, permanecendo deitados na porta, ou, como me disse Elivar Karitiana, “são tudo educadinho, não ficam olhando as pessoas comendo, não”¹³. Ou, como observou Inácio, ao recordar seu cachorro Miro: “era bem sabido, caçador, não ia longe, não; bem pertinho ele achava caça, matava paca, tatu”; no que foi completado por Sarita, sua esposa: “ele [Miro] não entrava em casa, não mexia nas coisas”. Sabidos são, assim, e sobretudo, os cães que sabem caçar: os Karitiana afirmam frequente e categoricamente que só apreciam os cachorros caçadores, os que sabem “matar caça”, e que desprezam animais que não caçam, ainda que mantenham alguns desses em sua companhia. Eis, aqui, o rendimento da noção de “ajuda” canina, que vimos na narrativa contada acima, que se conecta a uma sugestão que fiz alhures (VANDER VELDEN, 2012): de que os animais familiares, assim como os humanos, percorrem um ciclo de vida normatizado, no qual a vida adulta deve ser devotada por todos (humanos e não humanos) ao trabalho cooperativo e, por isso mesmo, produtivo (cf. OVE-RING, 1999); em certos contextos etnográficos o processo educativo dos filhotes de cães espelha aquele das crianças humanas e, a uma certa idade, o afeto incondicional é substituído, para ambos humanos e caninos, pela disciplina, pela autoridade e pelo trabalho duro (SAVISHINSKY, 1994, p. 195-200). Assim, os Karitiana reconhecem e apreciam os cachorros que “ajudam” os caçadores a “matar caça” – “cachorro é companheiro no mato”, ota, “companheiro”, “aquele que anda junto”, dizem, exaltando outra das contribuições do animal, aquela de proteger os humanos contra seres perigosos da floresta – ao passo que dedicam àqueles incapazes de cooperar apenas as mais atrozidades e permanentes agressões¹³. Desta forma, penso que os cães, ao serem adotados pelos Karitiana, não podem ser, como quer Salisbury (1994, P. 13, 16) ditos “propriedades” que os humanos “moldam como argila”

para serem seus “subordinados” nas atividades de caça integralmente controladas pelos humanos: mesmo porque cachorros nunca são, ali, inteiramente controlados. Mesmo companheiros fundamentais, não obstante, resta sempre a ambiguidade inerente aos cães – sempre entre a perfeição e o pária (SERPELL, 1995b) – posto que uma espécie de onça: o cachorro tem, nas palavras de Antonio José, “o sentido da onça”, isto é, uma certa semelhança com o temido e poderoso felino neotropical.

Esta ideia de “sentido” espelha a noção Karitiana de *aka*, que pode ser traduzida como “jeito” ou “maneira de viver”, “modo de ser, estar no mundo e se portar”: *Obaky by’edna aka*, o “jeito de viver”, ou a “vivência do cachorro”, traduz o modo como esses animais agem e experimentam o mundo. Tal noção parece balizar a compreensão Karitiana dos cães, que seguem sendo trazidos com frequência das cidades, dado que usualmente não se reproduzem nas aldeias (cf. KOHN, 2007): alguns animais têm mais “jeito” para a caça, e é o (ou está no) “sentido” deles ajudarem os caçadores na árdua tarefa de trazer carne para casa; por esta razão, são apreciados como animais “sabidos”, seres plenos (ainda que ambíguos ou suspeitos...) que tomam parte importante na vida produtiva das aldeias. Muito em contraste com os cães que não caçam (em geral, dizem, por que têm medo) ou que não sabem caçar, que não manifestam “jeito” para tal tarefa (que, ademais, é perigosa, e muitos animais acabam mortos em confrontos com os animais da floresta¹⁴). Os cães são estimulados a se tornarem caçadores e, como vimos, uma série de técnicas (mormente “remédios”) são empregadas em sua “manufatura”, se assim podemos dizer. Mas, ao fim e ao cabo, alguns demonstrarão melhores aptidões do que outros, porque este é seu “jeito”, e esta parece ser uma decisão do próprio animal, já que serão conduzidos em grupos (em geral

¹³ Celeste Medrano (2016) encontra oposição semelhante entre os Qom no Gran Chaco argentino: cachorros caçadores são apreciados, bem cuidados e nomeados (individualizados), ao passo que aqueles animais que não caçam são desprezados ao ponto de sequer receberem nomes próprios. Os Karitiana, ao contrário, parecem individualizar todos os cães, pois todos os animais têm nomes (como têm donos, *jongy*), mesmo que alguns nomes se repitam com frequência (especialmente aqueles derivados da cor da pelagem do animal: Preta, Negro, Neguinha, Branquinha...).

¹⁴ Diz-se, algo jocosamente, que “cachorro é a macaxeira da onça”. Na primeira vez em que ouvi esta frase pensei logo estar diante de uma clássica afirmação perspectivista. Tempos depois, aprendi que estava, na verdade, diante de uma ainda mais clássica afirmação metafórica, que constitui, sabemos, o principal estofado do humor: os Karitiana estavam a afirmar que onças devoram (e parecem gostar disso) cachorros com certa frequência, especialmente cachorros caçadores...

pequenos, de dois ou três animais) para a mata para que os mais jovens possam aprender a caçar observando e acompanhando os cães mais experientes. Nesse sentido, a etnografia de Cíntia Kagan (2015) sobre o aprendizado dos cachorros caçadores entre os Pitaguary (Ceará) é exemplar, e em muito coincidente com meus materiais Karitiana. Conforme pontua James Serpell (1995b, p. 253-254), o cão, como um “fiel empregado” dos grupos humanos, parece gostar de realizar certas tarefas “divertidas” (*enjoyable*) como caçar e nos fazer companhia; assim, os interesses de cães e de humanos parecem, em larga medida, coincidirem, mas o comentário sugere que esta antiga associação, entre humanos e cachorros, é precisamente isso: não escravidão, não servidão, nem dominação, mas o encontro frutífero entre duas espécies que são agudamente conscientes de que a cooperação é uma arma excelente na dura tarefa de arrancar do mundo a sobrevivência.

NOTA (MAIS OU MENOS) CONCLUSIVA

É possível, sugerir, então, que, entre os Karitiana, existe uma ética do trabalho canino: a vida desses animais é regrada por um conjunto de normas que, em larga medida, se assemelham às regras morais que servem aos humanos. Ou, dito de outra forma, que fazem humanos: seres produtivos, responsáveis, autocontidos e eminentemente sociáveis. Assim também devem ser os cachorros, e suas vidas nas aldeias Karitiana serão muito menos terríveis se manifestarem sua adesão a tais preceitos – especialmente, se se afirmarem como esta “verdadeira peça multiuso, demonstrando grande interação e versatilidade de funções” (PIQUERAS, 2006: 188; também VARNER & VARNER, 1983), evitando os excessos que são as características dos “bichos” e que evidenciam – como, vez por outra, acontece – a natureza essencialmente ambígua do cão, uma onça, afinal, que vive entre humanos, mas ainda assim uma onça. Cachorros não são humanos – note-se que os Karitiana jamais afirmaram que eles “são filhos”, mas, sim, que eles “são como filhos”. Mas são, ou podem ser, seres sociais, e

podem privar da sociabilidade aldeã desde que atentem para alguns dos pilares que necessariamente estruturam a vida plenamente social. Evidentemente, como disse, os Karitiana têm em suas aldeias uma legião de cães que não caçam, não sabem caçar ou deixaram de caçar porque passaram a ter medo; esses animais, quando adultos são, pode-se asseverar, tolerados, mas com pouquíssima ou nenhuma condescendência: não recebem comida, são frequentemente agredidos e enxotados pelas pessoas, e às vezes morrem à míngua sem despertarem qualquer compaixão. Todavia, vá alguém agredir com veemência um cão que não é o seu (mesmo que tenha sido mordido por este): tal ato seguramente criará problemas com o dono do animal violentado, pois, no final das contas, é inútil, é desprezível, mas é “como um filho...”

Para concluir – senão provisoriamente –, uma questão que, na encruzilhada da etologia e da antropologia que constitui parte dos mais instigantes trabalhos etnográficos multiespecíficos contemporâneos (LESTEL, 2002, 2004 e 2007), gostaria de apontar uma curiosa recorrência, que encontra eco no material Karitiana. Trata-se do fato de que estudos sobre a participação dos cães em atividades cinegéticas (mas também em outras, como no pastoreio: ver BARRETO, 2015) relatam, com frequência, a afirmação nativa de que os cachorros aprendem sozinhos a caçar, ou aprendem entre eles, e não por meio de ensinamentos humanos. O que dizem tais afirmações? Parece ser consenso entre etólogos e entre caçadores que o cachorro é um animal especial, caracterizado por sua inteligência (SERPELL, 1995a; BEKOFF, 2010). Não obstante, nós, no ocidente moderno, não abrimos mão do *treinamento* ou *adestramento* desses animais de modo a aperfeiçoá-los e a extrair deles comportamentos desejados e controláveis: de fato, para nós, o aprendizado feito entre os animais parece constituir, exceto na relação entre fêmeas e seus filhotes, um caminho problemático cujo resultado é um indesejado comportamento de matilha, característico, em geral, de bandos de

¹⁵ Tratar-se iam de cachorros que, apesar de socializados, manifestam ou recorrem em hábitos tidos como antissociais, tais como a ação predatória descontrolada (do ponto de vista humano, claro) e direcionada para alvos não autorizados, por assim dizer, como os demais animais domésticos de uma casa ou de vizinhos: conforme demonstra Jorge Luan Teixeira (2014), no sertão do Ceará este comportamento canino que escapa ao controle humano é absolutamente intolerável, e deve resultar no abate dos animais, tidos, então, como daninhos.

cães errantes, urbanos ou ferais (cf. BECK, 1973; GOMPPER, 2014)¹⁵. Então, será preciso, necessariamente, interrogar sobre modalidades de pedagogias outras. Se entre humanos, na terras baixas da América do Sul, só se ensina e se aprende fazendo, ou vendo outros fazerem – não há privilégio dado ao estatuto da linguagem no aprendizado (McCALLUM, 2003; KOHN, 2013), e o que ocorre é algo parecido com a “educação para a atenção” ingoldiana (INGOLD, 2000) – então, parece-me evidente que não se trata de ensinar os cachorros a caçar, mas que eles aprendam fazendo e/ou observando seus companheiros caninos mais experientes fazerem. Assim, as técnicas empregadas para “fazer” cachorros caçadores podem se referir menos ao *ensino* ou *educação* dos animais, e mais a uma busca por aumentar as *capacidades* ou *habilidades* que os cães já têm ou desenvolvem na companhia dos outros animais: seus “jeitos”. Em contextos em que tudo é gente, e tudo (ou quase tudo) pode ser sujeito, não se trata de intervir no direcionamento dos caminhos do outro, mas de fornecer os meios para que este caminho se potencialize e seja canalizado para funções úteis porque propriamente humanas – o que equivale a dizer, neste caso, caninas, o que dá no mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIEL DE VIDAS, Anath. A dog's life among the Teenek indians (Mexico): animal participation in the classification of self and other. *The Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.)*, 8, pp. 531-550, 2002.

BALÉE, William. Antiquity of traditional ethnobiological knowledge in Amazonia: the Tupí-Guaraní family and time. *Ethnohistory*, v. 47, n.2, pp. 399-422, 2000.

BAMANA, Gaby. Dogs and herders: mythical kinship, spiritual analogy, and sociality in rural Mongolia. *Sino-Platonic Papers*, 24, pp. 1-18, 2014.

BARRETO, Eric. Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Pelotas: UFPel, 2015.

BECK, Alan. *The ecology of stray dogs: a study of free-ranging urban animals*. West Lafayette: Purdue University Press, 1973.

BEKOFF, Marc. *A vida emocional dos animais: alegria, tristeza e empatia nos animais*. São Paulo: Cultrix, 2010.

BENTO, Rodolpho Claret. *Pensando através da armas: contribuições para um estudo da cultura material dos Gavião (Ikóloehj)*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, São Carlos: UFSCar, 2011.

COLSON, Audrey Butt. Binary oppositions and the treatment of sickness among the Akawaio. In: J.B. LOUDEN, J.B. (ed), *Social Anthropology and Medicine*, London: Academic, pp. 422-499, 1976.

DESCOLA, Philippe. *In the society of nature: a native ecology in Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FIEDEL, Stuart. Man's best friend – Mammoth's worst enemy? A speculative essay on the role of dogs in Paleoindian colonization and megafaunal extinction. *World Archaeology*, v. 37, n. 1, pp. 11-25, 2005.

GOLUB, Alex. Shooting Snowy was the toughest job I ever had: the role of dogs in first contact. Paper presented at the conference Fashioning anthropology: papers in honour of Gail Kelly. Portland: Reed College, abril de 2005 (mimeo, 2005).

GOMPPER, Matthew (ed). *Free-ranging dogs and wildlife conservation*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

HARAWAY, Donna. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling, and skill*. London: Routledge, 2000.

JIMÉNEZ, Alfredo Bueno. Los perros em la conquista de América: historia e iconografia. *Chronica Nova*, 37, pp. 177-204, 2011.

- KAGAN, Cinthia de carvalho. Les indiens Pitaguary et leurs chiens: une communauté hybride? Tese de Doutorado em Antropologia, Paris: Université Sorbonne Nouvelle, 2015.
- KOHN, Eduardo. How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies. *American Ethnologist*, v. 34, n. 1, pp. 3-24, 2007.
- _____. How forest think: toward an anthropology beyond the human. Berkeley: University of California Press, 2013.
- KOSTER, Jeremy. Hunting dogs in the Lowlands neotropics. *Journal of Anthropological Research*, v. 65, pp. 575-610, 2009.
- LESTEL, Dominique. As origens animais da cultura. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- _____. L'animal singulier. Paris: Seuil, 2004.
- _____. Les amis de mes amis. Paris: Seuil, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas: Papirus, 1997[1962].
- _____. Do mel as cinzas. São Paulo: Cosac Naify, 2004[1966].
- McCALLUM, Cecilia. Gender and sociality in Amazonia: how real people are made. London: Bloomsbury Academic, 2003.
- MEDRANO, Celeste. Hacer a un perro: relaciones entre los Qon del Gran Chaco argentino y sus compañeros animales de caza. *Anthropos*, 111: 113-125, 2016.
- OVERING, Joanna. Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. *Mana*, v. 5, n.1, pp. 81-107, 1999.
- PIQUERAS, Ricardo. Los perros de la guerra o el 'canibalismo canino' en la conquista. *Boletín Americanista*, 56, pp. 187-202, 2006.
- POSEY, Darrel. Ethnoentomology of the Gorotire Kayapó of Central Brazil. PhD dissertation, Athens: University of Georgia, 1979.
- RESTALL, Matthew. Sete mitos da conquista espanhola. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- SALISBURY, Joyce. The beast within: animals in the middle ages. New York: Routledge, 1994.
- SAVISHINSKY, Joel. The trail of the Hare: environment and stress in a sub-arctic community. Yverdon: Gordon and Breach, 1994.
- SCHWARTZ, Marion. A history of dogs in the early Americas. New Haven: Yale University Press, 1997.
- SERPELL, James (ed). The domestic dog: its evolution, behavior and interactions with people. Cambridge: Cambridge University Press, 1995a.
- _____. From paragon to pariah: some reflections on human attitudes to dogs. In: SERPELL, J. (ed.), The domestic dog: its evolution, behavior and interactions with people. Cambridge: Cambridge University Press, 1995b, pp. 246-256.
- STORTO, Luciana. Livro de apoio ao aprendizado da ortografia Karitiana (mimeo, 1996).
- TEIXEIRA, Jorge Luan. Conflito, moralidade e mobilidade no pastoreio sertanejo: sobre os cachorros que pegam criação. Trabalho apresentado no Seminário dos Alunos do PPGAS/MN/UFRJ (mimeo, 2014).
- VANDER VELDEN, Felipe. Por onde o sangue circula: os Karitiana e a intervenção biomédica. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Campinas: Unicamp, 2004.
- _____. Circuitos de sangue: corpo, pessoa e sociabilidade entre os Karitiana. *Habitus*, v. 5, n. 2, pp. 275-300, 2007.
- _____. Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana. São Paulo: Alameda, 2012.
- Varner, John & Varner, Jeannette. Dogs of the conquest. Norman: University of Oklahoma Press, 1983.